

# Festival de Brasília chega ao fim com seleção equilibrada

*Os concorrentes são de bons para cima, sinal de progresso estilístico na produção nacional*

**LUIZ ZANIN ORICCHIO**  
Especial para o Estado

**B**RASÍLIA - O 31.º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro entra em sua fase final já contabilizando um mérito, o de ser uma das edições mais homogêneas dos últimos anos. Se o grande filme ainda não apareceu, também não surgiu nenhum patinho feio, um daqueles exemplares teratológicos que vez por outra infestam as mostras de cinema. Desta vez, os concorrentes são de bons para cima, sinal de progresso estilístico na produção nacional.

Dois dos concorrentes apresentados nos últimos dias causaram efeitos diferentes em público e crítica. *Traição*, de Arthur Fontes, Cláudio Torres e José Henrique Fonseca, levantou a galera e entusiasmou parcialmente os jornalistas especializados que estão cobrindo o festival. *A Hora Mágica*, de Guilherme de Almeida Prado, teve recepção mais fria e deixou os críticos um tanto reticentes - é filme para ser analisado com cuidado em função dos problemas que propõe.

*Traição* é um produto heterogêneo, o que soa como afirmação banal quando se refere a filmes de episódios, dirigidos por cineastas diferentes. Mas, no caso, esse processo natural é radicalizado. Os três episódios são tirados das crônicas que Nelson Rodrigues publica-va na imprensa carioca e que depois foram reunidas com o título de *A Vida Como Ela É*.

Nelson já se tornou um clássico e sua obra, multifacetada, vai da complexidade de peças como *Vestido de Noiva* a pílulas divertidas para a televisão. Os episódios de *Traição* situam-no em escala intermediária, trabalhando num registro destinado a um público mais amplo, mas nem por isso simplificando um universo espiritual denso, mesmo quando expresso numa aparentemente inofensiva crônica para jornal, esse produto em tese destinado a embrulhar o peixe do dia seguinte.

Os diretores intuíram o que há de profundo e irônico nesse mundo de culpa e engano proposto por Nelson, e expressaram essa compreensão por meio de um elenco extremamente funcional. Fernanda Torres está magnífica nos dois episódios de que partici-



*'A Hora Mágica': realidade inventada a partir do conto 'Cambio de Luces' do argentino Julio Cortázar*

pa. Fernanda Montenegro tem pequena mas decisiva presença nos três episódios. Faz um solo de arrepiar, já destinado a futuras antologias. A parte masculina do elenco é discreta e competente. Aliás, essa discrição é coerente com a linha de fundo do projeto,

que assinala, segundo Cláudio Torres, "a tragédia do macho contemporâneo". Fato já anunciado por Nelson e de que poucos se deram conta naquele tempo pré-feminista.

**Magia** - Em *A Hora Mágica*, Guilherme de Almeida Prado adaptou o conto *Cambio de Luces*, do argentino Julio Cortázar para o mundo do rádio brasileiro da década de 50, exatamente no momento em que a televisão chega ao País e ameaça de extinção o veículo mais antigo.

Raul Gazzola faz Tito Bacárcel, dublador de radionovelas e filmes, que empresta sua voz

ao galã César Máximo, este contracenando habitualmente com a diva Lyla Van (Maitê Proença). Tito acaba apaixonando-se por Lúcia (Júlia Lemmertz), que involuntariamente vê-se envolvida em um crime. O cineasta acrescentou essa pequena trama policial para preencher os vazios deixa-

dos pelo misterioso conto de Cortázar, uma dessas pequenas jóias da literatura que iluminam mais o papel do imaginário no ato do amor do que dez tratados de psicanálise.

Almeida Prado destilou o que seria a essência desse texto e, em que pese algumas irregularidades de ritmo, conseguiu vertê-lo para outro veículo que é o cinema. Um veículo da imagem, preferencialmente, e portanto propício aos jogos de sedução e auto-enganos propostos pelo argentino e encampados, em seu espírito (mas não ao pé da letra), pelo brasileiro. Com esse filme, Almeida Prado (de *A Dama do Cine Shangai* e *Perfume de Gardênia*), faz seu trabalho mais radical. Há nele toda uma concepção do cinema auto-suficiente em relação ao real.

Como se trata de um tipo de estética construída por seus elementos internos, seria injusto (e sobretudo equivocado) adjetivá-lo de "pós-moderno" e com isso encerrar o assunto. *A Hora Mágica* remete mais a um tipo de construtivismo moderno, que engendra sua dimensão particular em relação ao real e aponta o ser humano como prisioneiro do seu próprio imaginário - este, aliás, um dos temas preferenciais de Cortázar, que nem por isso podia ser chamado de alienado, mesmo quando esse termo tinha curso social. (Em outro texto, Cortázar, pela voz de um personagem, afirma: "A nossa realidade possível tem de ser inventada"). *A Hora Mágica* é exatamente isso: realidade inventada.

Em todo caso, é um filme que não se decifra ao primeiro olhar, o que serve de estímulo para o cinéfilo interessado, mas pode cansar a quem procura no cinema uma variante a mais do fast food contemporâneo.

**Política cultural** - O ministro da Cultura, Francisco Weffort, esteve anteontem no Hotel Nacional, sede do Festival de Brasília, para receber das mãos dos cineastas presentes um documento tirado por eles depois dos debates realizados no simpósio Cinema Brasileiro Hoje.

O texto apresenta um balanço positivo dos cinco primeiros anos da Lei do Audiovisual, mas a considera insuficiente para atender às demandas do setor. "Os filmes são produzidos mas não chegam ao público, em vista do virtual monopólio norte-americano exercido sobre o circuito exibidor", disse o cineasta Gustavo Dahl, um dos coordenadores do simpósio.

O ministro elogiou o documento, e considerou-o maduro. "Reconhece o caminho já percorrido, mas aponta o muito que ainda há por se fazer", disse. Nesse campo ainda por ser explorado, o ministro concordou com os termos da carta que aponta a ausência de uma política de Estado para o setor. Como medidas concretas, anunciou a disposição de 1) reforçar e ampliar a Comissão de Cinema, que propõe práticas governamentais para a área; 2) criar a possibilidade de um Fundo de Cinema, que abre o potencial leque dos investidores em filmes, hoje restrito a empresas de grande porte; 3) criar, para o cinema, algo que já existe para as artes cênicas, os "empréstimos reembolsáveis", dinheiro a juros subsidiados que serviriam para fazer frente a despesas com o lançamento dos filmes.

Esta edição do Festival de Brasília tem hoje sua última noite de competição, com *Amor & Cia*, adaptação de Helvécio Raton para a novela de Eça de Queirós. Amanhã à noite serão conhecidos os vencedores.



*Fernanda Torres, em 'Traição': episódios de 'A Vida como Ela É'*

**31º FESTIVAL DE BRASÍLIA DO CINEMA BRASILEIRO**

**FERNANDA TORRES TEM PARTICIPAÇÃO DECISIVA EM EPISÓDIOS DE NÉLSON RODRIGUES**